

# AS DIVERSAS TENTATIVAS PARA REVITALIZAR O ESPAÇO AO LONGO DE DÉCADAS: ANTIGA USINA BELTRÃO/ FÁBRICA TACARUNA

THE VARIOUS ATTEMPTS TO REVITALIZE THE SPACE OVER DECADES:  
ANTIGA USINA BELTRÃO/ FÁBRICA TACARUNA

LOS DIVERSOS INTENTOS DE REVITALIZACIÓN DEL ESPACIO A LO LARGO DE DÉCADAS:  
ANTIGUA PLANTA DE BELTRÃO / FÁBRICA DE TACARUNA

**AFONSO, ALCILIA**

Doutora em projetos arquitetônicos pela ETSAB UPC; professora adjunta do curso de arquitetura e urbanismo. UFCG  
e-mail:kakiafonso@hotmail.com

## RESUMO

O texto enfocará o complexo industrial da antiga Usina Beltrão (1895), localizado na Av. Agamenon Magalhães, s/n, no bairro de Campo Grande, na divisa entre os municípios de Recife e Olinda, que a partir de 1924, passou a ser denominada Fábrica Tacaruna, e que funcionou até o ano de 1992, quando entrou em processo de abandono, apesar das várias tentativas por parte do Governo do Estado de Pernambuco, em se reutilizar o espaço, conforme será visto aqui. Será exposto através da análise das dimensões arquitetônicas (Afonso, 2019), informações que poderão subsidiar estudos mais profundos a serem desenvolvidos por pesquisadores e profissionais que se detenham em intervir nesse espaço, a fim de dar um novo uso a essa grande estrutura, que, infelizmente, se encontra em precário estado de conservação, apesar de estar localizada em uma área urbana de grande valor imobiliário.

**PALAVRAS-CHAVE:** patrimônio industrial; patrimônio arquitetônico; conservação

## ABSTRACT

The text will focus on the industrial complex of the former Usina Beltrão (1895), located at Av. Agamenon Magalhães, s/n, in the neighborhood of Campo Grande, on the border between the municipalities of Recife and Olinda, which from 1924 onwards, was renamed Fábrica Tacaruna, and which operated until 1992, when it entered the process of abandonment, despite several attempts by the Government of the State of Pernambuco, to reuse the space, as will be seen here. It will be exposed through the analysis of the architectural dimensions (Afonso, 2019), information that may subsidize deeper studies to be developed by researchers and professionals who stop to intervene in this space, in order to give a new use to this large structure, which, unfortunately, is in a precarious state of conservation, despite being located in an urban area of great real estate value.

**KEYWORDS:** industrial heritage; architectural heritage; preservation

## RESUMEN

O texto enfocará o complexo industrial da antiga Usina Beltrão (1895), localizado na Av. Agamenon Magalhães, s/n, no bairro de Campo Grande, na divisa entre os municípios de Recife e Olinda, que a partir de 1924, passou a ser denominada Fábrica Tacaruna, e que funcionou até o ano de 1992, quando entrou em processo de abandono, apesar das várias tentativas por parte do Governo do Estado de Pernambuco, em se reutilizar o espaço, conforme será visto aqui. Será exposto através da análise das dimensões arquitetônicas (Afonso, 2019), informações que poderão subsidiar estudos mais profundos a serem desenvolvidos por pesquisadores e profissionais que se detenham em intervir nesse espaço, a fim de dar um novo uso a essa grande estrutura, que, infelizmente, se encontra em precário estado de conservação, apesar de estar localizada em uma área urbana de grande valor imobiliário.

**PALAVRAS-CHAVE:** patrimonio industrial; patrimonio arquitectónico; conservación

## INTRODUÇÃO

O texto enfocará o complexo industrial da antiga Usina Beltrão (1895), localizado na Av. Agamenon Magalhães, s/n, no bairro de Campo Grande, na divisa entre os municípios de Recife e Olinda, que a partir de 1924, passou a ser denominada Fábrica Tacaruna, e que funcionou até o ano de 1992, quando entrou em processo de abandono, apesar das várias tentativas por parte do Governo do Estado de Pernambuco, em se reutilizar o espaço, conforme será visto aqui.

Assim, objetiva trazer à tona, uma reflexão sobre as causas que provocaram o fracasso das diversas tentativas para a revitalização do espaço ao longo de décadas, que hoje, se encontra em estado de ruínas (Figura 1), e perdeu grande parte de seus atributos construtivos, mas que, ainda significa muito para a população, como lugar de memória e espaço que teve um papel preponderante na produção industrial pernambucana e nordestina.

Por que, após mais de três décadas em busca de proposições para a revitalização da antiga Fábrica, nada ainda foi feito, de fato? Por que a falta de continuidade das propostas, que eram tão interessantes, do ponto de vista patrimonial, social e cultural?

Figura 1: Ruínas do complexo industrial Tacaruna.



Fonte: Fotografia de Alcília Afonso, 2023.

## ANÁLISE ARQUITETÔNICA

Será exposto através da análise das dimensões arquitetônicas (Afonso, 2019), informações que poderão subsidiar estudos mais profundos a serem desenvolvidos por pesquisadores e profissionais que se detenham em intervir nesse espaço, a fim de dar um novo uso a essa grande estrutura, que, infelizmente, se encontra em precário estado de conservação, apesar de estar localizada em uma área urbana de grande valor imobiliário.

## Dimensão histórica

Para o leitor entender melhor o significado desse lugar, desse bem patrimonial industrial, necessita-se que se inicie escrevendo um pouco sobre a origem do Complexo fabril e sua importância na economia pernambucana, regional e nacional.

Figura 2: Vista do complexo industrial Tacaruna nos anos 30 e 40 do século XX.



Fonte: Acervo FUNDAJ

O edifício foi construído entre os anos de 1890 e 1895 (Figura 2) para abrigar a Usina Beltrão, tendo à época, como diretor geral, o engenheiro civil Antônio Carlos de Arruda Beltrão e como presidente, Pedro da Cunha Beltrão. A Usina Beltrão foi criada propondo-se a realizar: compra e venda de produtos de baixa qualidade da indústria açucareira nacional; fundação de duas grandes refinações de açúcar: uma no Rio de Janeiro e outra no Recife, para produzir álcool puríssimo e esterilizado e, por fim, montar indústrias desse gênero em todo o Brasil, segundo colocou Rocha (2012), em seu livro “Usina Beltrão, Fábrica Tacaruna: história de um empreendimento pioneiro”.

Monteiro (2017) realizou uma pesquisa sobre as intervenções sofridas no Complexo, e escreveu sobre o papel da Usina Beltrão: “A Usina Beltrão, idealizada para ser um empreendimento precursor em Pernambuco naquele período, tendo como principal objetivo desenvolver um açúcar competitivo no mercado internacional surgia no momento em que o Brasil tentava salvar sua matéria-prima e a economia nacional” (Monteiro, 2017, p. 27).

Contudo, com a instabilidade da economia brasileira, a produção açucareira de Pernambuco passou por constantes oscilações no final do século XIX, tendo a situação se agravado durante à crise no setor, em 1897.

Desassistida pelo governo por causa da instabilidade da economia brasileira, a produção açucareira de Pernambuco passou por constantes oscilações, tendo a situação se agravado durante a aguda crise no setor em 1897 com a perda de mercados externos, os quais, segundo Rocha (2012, p. 105), em sua maioria, eram “ditados pela política protecionista adotada pelos grandes países consumidores de açúcar da Europa e dos Estados Unidos” (Verardi, s/d, s/p).

Através de leituras de pesquisas de Rocha (2012), Monteiro (2017) e de artigos coletados na imprensa, bem como, no acervo digital da FUNDAJ/Fundação Joaquim Nabuco (Verardi, s/d) foi possível se construir uma linha do tempo dos diversos funcionamentos do grande complexo industrial, que após o fechamento da Usina Beltrão começa a abrigar a partir de 1924, um novo uso para o complexo industrial pois foi adquirido pela Cia. Manufatura de Tecidos do Nordeste- passando a se chamar Fábrica Tacaruna, como é conhecido até os dias atuais.

## Dimensão espacial externa

A escolha do terreno para funcionamento da Usina foi o antigo Sítio Tacaruna (Figura 3), palavra indígena que está escrita nos livros da época do Brasil Colônia como Itacoaruna, que significa pedra do buraco preto.

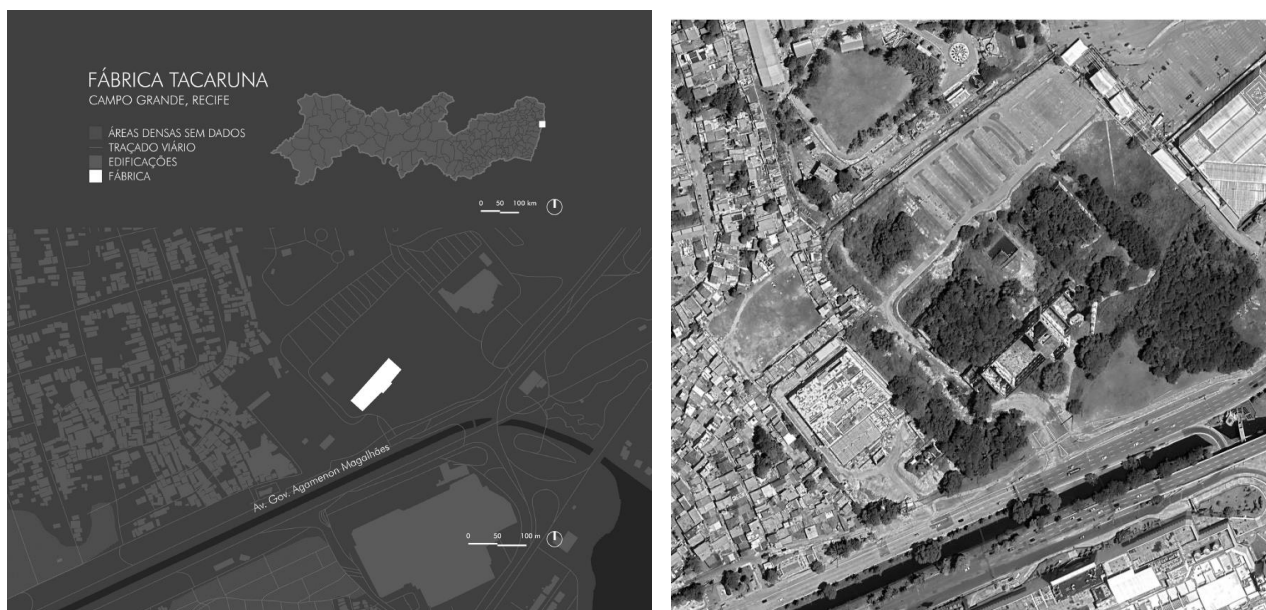
Figura 3: Imagem da Antiga Fábrica Tacaruna



Fonte: Acervo FUNDAJ.

A localização privilegiada do terreno, entre duas cidades importantes de Pernambuco, Olinda e Recife (Figura 4), e a água de qualidade encontrada naquele local foram, sem dúvida, motivos cruciais para garantir o bom funcionamento do negócio (Rocha, 2012). O terreno plano, com acessos bons entre duas cidades, facilitou bastante a implantação do complexo industrial no local.

Figura 4: Mapas de localização da antiga fábrica



Fonte: Matheus Batista em Afonso, 2024. p.105 e Imagem de satélite da fábrica Tacaruna, Recife, 2023. Fonte: Google Earth Pro.

## Dimensão espacial interna

Rocha (2012) em seu livro sobre o Conjunto Industrial (Figura 5), descreveu que esse era composto pelos seguintes edifícios: 1) o edifício central (composto pelo edifício da usina dividido em três partes: o prédio central com cinco pavimentos, a ala sul com três pavimentos e a norte com dois andares); 2) a chaminé medindo 75m incluindo sua base; 3) uma casa tipo chalé que serviu para residência do diretor-gerente; 4) uma casa para almoxarifados e oficinas; 5) uma casa para destilaria; 6) uma casa de alvenaria onde estava instalada a bomba de sucção de água; 7) quatorze casas de alvenaria conjugadas para operários graduados; 8) três casas de alvenaria isoladas e doze de taipas para funcionários de categoria inferior e outros fins, além de uma área com 50m com uma casa que servia para abrigo das máquinas que proporcionavam água para a usina.

Figura 5. Complexo industrial Tacaruna e seu conjunto arquitetônico.



Fonte: FUNDAJ.

Na obra da Usina, foram considerados detalhes até aquele momento pouco ou nunca utilizados como, por exemplo: uso do concreto armado em um estabelecimento industrial; instalação de luz elétrica; criação de cooperativa com sistema de atendimento médico e construção de moradia para os funcionários e operários da usina; e sistema de água canalizada para a operação das máquinas.

O programa de necessidades do complexo industrial era composto por sistema de atendimento médico, moradia para os funcionários e operários, setor administrativo e galpões de fabricação. Possuía um elaborado sistema de água canalizada para a operação das máquinas e sua chaminé destacava-se na paisagem com sua altura de 75m, sendo um marco na paisagem.

## Dimensão tectônica e formal

Seu edifício principal foi a primeira construção em concreto armado brasileiro, sendo uma grande inovação construtiva para a época, e que de início, o que chamava mais a atenção na construção era a chaminé de 75 m de altura, que era considerada a mais alta da região, transformando-se em um marco visual urbano.

A linguagem formal adotada no bloco principal do complexo industrial foi o ecletismo (Figura 6), uma arquitetura que se caracteriza pela utilização de elementos plásticos provenientes de estilos passados, conforme conceitua Corona & Lemos:

Em arquitetura, o movimento ou a tendência resultante da falta de originalidade e de caráter na obra arquitetônica que surge em determinado momento no qual existe o embate de ideias e o conflito de culturas. O período mais caracteristicamente eclético da arquitetura foi o fim do Século XIX onde os estilos arquitetônicos até então existentes não conseguiram exprimir a realidade e não se fixaram como manifestação cultural (Corona & Lemos, 2017, p. 177).

Figura 6: Elementos tectônicos e formais do Bloco Principal.



Fotos: Alcília Afonso, 2017.

Observa-se através de registro fotográfico realizado por mim, em 2017, que os pavimentos do bloco principal utilizavam uma estrutura metálica para pilares (Figura 7), vigas, além de escadarias também em aço, mas que, nos últimos anos, foram saqueadas do edifício por vândalos.

Figura 7: Detalhe estrutura metálica.



Fotos: Alcília Afonso, 2017.

## Dimensão funcional

Projetada inicialmente para funcionar como a Usina Beltrão, para refinaria de açúcar, em 1899, a Usina foi comprada pela firma Cunha & Gouveia, liderada pelo empresário cearense Delmiro Gouveia e pelo usineiro José Maria Carneiro da Cunha.

Na administração de Delmiro Gouveia, foram realizadas inovações, tais como, a aquisição de novo maquinário e produtos químicos de Liverpool, na Inglaterra, e Bremen, na Alemanha. Contudo, Delmiro enfrentava problemas políticos em Pernambuco, que o motivou a mudar-se para o sertão alagoano de Pedra, município hoje chamado Delmiro Gouveia.

Após as crises enfrentadas pela gestão de Delmiro Gouveia frente à Usina, a firma Mendes Lima & Cia assumiu o controle dela entre 1917 e 1924, não conseguindo, entretanto, sanar os problemas acumulados anteriormente.

De modo que, em 1924, o complexo industrial mudou de função, pois foi adquirido pela Cia. Manufatura de Tecidos do Nordeste- passando a se chamar Fábrica Tacaruna - possuindo como proprietários, Luiz Lacerda de Menezes e Vicente Lacerda de Menezes, que o transformou em indústria têxtil.

Enquanto esteve em funcionamento a Fábrica Tacaruna foi de suma importância para a economia de Pernambuco, além da geração de empregos, desenvolveu uma técnica que utilizava um subproduto do algodão, até então desperdiçado, produzindo assim cobertores a preços populares que tinham grande aceitação no mercado. Também produzia sacos de algodão, flanelas e colchas, todos os produtos vendidos a preços populares (Monteiro, 2017, p. 29).

Devido à grave seca que assolou o Nordeste brasileiro em 1958, a fábrica passou por uma séria crise econômica, posteriormente superada, e anos depois, entre 1975 e 1992, o controle acionário da indústria passou a ser assumido pela Tecelagem Parahyba do Sul, da família Severo Gomes, que substituiu a produção de produtos luxuosos por cobertores vendidos a preços populares.

Em pesquisas sobre o funcionamento do complexo industrial, observou-se que, uma de suas mais graves crises econômicas se deu em 1983, ocasião em que a Fábrica passou a funcionar com um quadro reduzido de funcionários e quase foi totalmente desativada, uma fase em que a maioria das indústrias têxteis do Nordeste também passou por dificuldades financeiras.

Foi nessa época que se cogitou, por parte do Conselho de Turismo de Pernambuco (CONTUR) e do Instituto Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), convergir alguns museus para o Complexo Industrial da Tacaruna, proporcionando uma maior comodidade no funcionamento dessas instituições museológicas.

Entretanto, em 1992, o Complexo Tacaruna encerrou por completo suas atividades fabris, passando a propriedade da empresa para pagamento da dívida financeira junto ao Banco Econômico. A partir do ano de 1998, foram realizados uma série de propostas e projetos na tentativa de revitalizar o Espaço, conforme será visto na dimensão da conservação.

## Dimensão da conservação

Quais são os instrumentos legais que protegem o Complexo Tacaruna? Ver-se-á aqui, o que o Estado tem feito para proteger esse patrimônio industrial, ao longo dos anos.

Em 1994, o conjunto arquitetônico e entorno da Antiga Fábrica Tacaruna foram incluídos na área de tombamento da cidade de Olinda pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, bem como, na Lei de Uso e Ocupação do Solo da Cidade do Recife como Zona Especial de Preservação 29 (ZEP 29).

Nesse mesmo ano foi tombado em 1994, em nível estadual pela FUNDARPE, e pelo Conselho Estadual de Cultura, como Patrimônio Histórico Estadual. Em 1996, foi declarado de utilidade pública para fins de desapropriação.

Observa-se que os órgãos patrimoniais pernambucanos ficaram preocupados com o que poderia acontecer a partir do momento no qual, o Conjunto Fabril Tacaruna fosse desativado, principalmente, tendo em vista o significado histórico, econômico e cultural que o lugar, a obra, simbolizavam para a sociedade pernambucana.

E até que ponto essas proteções legais valerem para conservar o Complexo? Adiantaria apenas proteger legalmente, e não tomar uma atitude, de fato, para evitar a sua descaracterização, demolição ou arruinamento?

A seguir, será visto o que o Estado procurou fazer para tentar salvaguardar a obra, no recorte de 1989 a 2023.

### **Discussão: as diversas tentativas para revitalizar o espaço ao longo de décadas.**

Na pesquisa realizada sobre a obra, observou-se que a partir de 1989, sendo ainda o Complexo industrial, propriedade da Tecelagem Parahyba do Sul, deu-se início a um processo de tentativas de se reutilizar a área. Nessa análise, a leitura do trabalho de Monteiro (2017), e a consulta a materiais jornalísticas publicadas na imprensa, colaboraram para a compreensão das propostas.

Em 1989, foi encaminhado pela empresa Sena Caldas & Polito Arquitetos LTDA para Fundarpe, um projeto de adaptação da Fábrica Tacaruna para um Shopping Center. Essa empresa participava da elaboração de estudos para esse empreendimento e o projeto previa algumas modificações na parte estrutural da fábrica, sem descaracterizar o seu prédio principal.

Essas modificações eram previstas para os galpões que foram construídos posteriormente, que seriam adaptados para receber o novo empreendimento. Foi sugerido no projeto que algumas máquinas antigas do final do século XIX, que ainda se encontravam na fábrica, fossem expostas para visitação em um espaço reservado para contar a história da Tacaruna na época em que funcionou como indústria têxtil. As características antigas e imponentes do prédio principal da Fábrica eram ressaltadas no projeto como um ponto favorável e inovador para a instalação de um centro de compras (Monteiro, 2017, p. 32).

Entretanto, a proposta não avançou e nove depois, em 1998, sendo agora o Complexo industrial, propriedade do Banco Econômico, o Governo de Pernambuco iniciou os estudos para reutilização do espaço e implantação de um Centro Cultural.

Em 2000, na gestão do então Governador Jarbas Vasconcelos, o Estado desapropriou a área e a adquiriu por 14 milhões de reais, para ali implantar um novo centro cultural em parceria com o Governo Francês. O Governo anunciou que aquela pretendia ser a “maior investida na área cultural em Pernambuco: a criação e instalação do Espaço Cultural Tacaruna” (Rocha, 2012, p. 116).

O Governo do Estado de Pernambuco desapropriou o imóvel da Tacaruna, então propriedade do Banco Econômico S/A e dá início às discussões sobre o melhor uso e formas de ocupar o edifício histórico. Foram dois projetos com objetivo de transformar a antiga Fábrica Tacaruna em centro cultural. O primeiro foi o projeto de transformá-la em uma estação cultural encaminhado para a Fundarpe logo após a desapropriação do imóvel pelo Governo do Estado. O espaço seria dedicado à arte e a cultura nos seus mais diversos recortes, com áreas dedicadas às artes plásticas, teatro, cinema, dança, designer (Monteiro, 2017.p. 33).

No projeto proposto, a Estação Cultural Tacaruna teria áreas para estúdio de música, onde os artistas poderiam ensaiar com suas bandas, produzir suas músicas, além de estúdio de cinema e vídeo, laboratório fotográfico, salas de aula, salas para dança, teatro e uma sala específica para apresentações de peças teatrais com 420 lugares. Além de sala destinada a expor a coleção de arte contemporânea do colecionador pernambucano Marcantônio Vilaça. Infelizmente, mais uma vez, a proposta não avançou e ficou estancada.

Em 2002 foi montada na antiga Fábrica Tacaruna o 45º Salão de Artes Plásticas de Pernambuco que teve como título “A Torre e o Tempo”. A exposição ocupou 6000 metros quadrados e teve como curador o artista pernambucano Paulo Bruscky. Na ocasião o evento comemorava 60 anos da primeira edição e teve na antiga Fábrica um cenário perfeito para essa celebração. A abertura do evento se deu em 12 de dezembro de 2002 e seu encerramento em 16 de fevereiro de 2003.

Em 2003, a Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, se envolveu no processo de preservação da área, e iniciou a obra de restauração das cobertas do prédio principal, para a implantação da Fábrica Cultural Tacaruna. A empresa Jorge Passos Arquitetura e Restauo realizou a obra, conforme consta no seu site:



As obras de restauração, foram registradas no Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Pernambuco – CREA-PE, através da Anotação de Responsabilidade Técnica – ART No. 1144711 e iniciadas mediante Ordem de Serviço No. 001/2003, em 13 de outubro de 2003 com conclusão em 30 de abril de 2004 (Disponível em: <http://jorgepassos.com.br/fabrica-tacaruna.php>).

No dia 09 de junho de 2006, uma ordem de serviço foi assinada, pelo então Governador Mendonça Filho, no valor de R\$ 4,9 milhões para as obras de urbanização e paisagismo da Fábrica Cultural Tacaruna. Estava prevista na ordem de serviço a conexão do principal acesso da Fábrica na Avenida Agamenon Magalhães com uma via interna situada atrás do imóvel, local onde se encontra o estacionamento do Centro de Convenções.

Entre o ano de 2006 e o início de 2007, foram investidos no Conjunto cerca de cinco milhões em obras de infraestrutura urbana onde foram realizados serviços de pavimentação das vias locais e das áreas de estacionamento, paisagismo e agenciamento do pátio externo, dentre outros, mas as edificações permaneceram abandonadas e carecendo de restauro. (Guerra, 2023, s/p)

Verardi (2009, p.2) escreveu que a arquiteta Paula Peixoto, gerente da Fábrica Cultural Tacaruna, de acordo com Governador declarou que o projeto foi instalado em três etapas: a primeira foi concluída em 2004 (sistema de cobertura, recuperação estrutural e revestimento da fachada principal); a segunda etapa abrangia a urbanização e o paisagismo da área, e a terceira, englobando a maior parte dos investimentos, (R\$ 9 milhões) era destinada aos serviços de restauração e novas instalações no edifício histórico da Fábrica Tacaruna, mas até aquele momento não haviam sido iniciadas as obras.

Ainda segundo a gerente, com uma área de 5,5 mil m<sup>2</sup>, o complexo cultural seria destinado a eventos de grande porte, com capacidade para 25 mil pessoas, e possuiria algumas praças, a primeira dando acesso ao hall principal do prédio, Praça das Artes, para exposições no entorno da chaminé principal, e a Praça de Eventos, onde seriam realizados os shows de médio porte (Verardi, 2009, p. 2).

Em 2009, foi encaminhado para Fundarpe uma nova proposta para a criação do Centro de Cidadania e Juventude Padre Henrique, sendo uma parceria do Governo Estadual e do Governo Federal “objetivando resgatar a cidadania de jovens, incentivando sua cultura, lazer, educação, esporte e a formação profissional, além de devolver para a sociedade a Tacaruna reformada, respeitando as restrições que competem a um bem tombado, dentro de um novo contexto histórico”, conforme analisou Monteiro (2017, p. 37): “A utilização do Conjunto Fabril Tacaruna como centro cultural visava integrar jovens e pessoas de várias idades nas atividades oferecidas pelo local, ao mesmo tempo iria valorizar o bem tombado com uma proposta de restauração e adequação da Fábrica para o novo empreendimento”.

A proposta para a criação do Centro de Cidadania e Juventude Padre Henrique, também não vigorou. Mais uma tentativa fracassada. Cinco anos depois, em 2014, o então governador Eduardo Campos cedeu o terreno para a criação do quarto Centro de Pesquisa, Desenvolvimento, Inovação e Engenharia Automotiva da Fiat no mundo, tentando realizar uma parceria com a iniciativa privada.

Sousa (2019) em matéria publicada no jornal Diário de Pernambuco, informou que a carta de intenções foi assinada entre a Fiat Chrysler, o Governo de Pernambuco e a Prefeitura do Recife, tendo como parceiros estratégicos o parque tecnológico Porto Digital, o Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife (C.E.S.A.R), a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e o Senai. O Senai anunciou a criação de uma Faculdade de Engenharia Automotiva no Bairro de Santo Amaro, e o Porto Digital, por sua vez, teria uma base para desenvolvimento de softwares automotivos.

O centro pernambucano será o quarto do grupo Fiat Chrysler no mundo. Os demais estão instalados em Turim (Itália), Detroit (Estados Unidos) e em Betim (MG), onde o grupo opera desde 1976. Outros países, como Índia e China, disputavam o equipamento, mas foi através de tratativas que o estado de Pernambuco conseguiu fechar a proposta para implantação do centro de treinamento (Sousa, A. Diário de Pernambuco, 2019, s/p).

A crítica que existe a esta proposta, é de que o mesmo terreno comprado por milhões pelo Estado foi doado para uma empresa privada, em acordos de incentivo econômico para a implantação da Fiat Chrysler no Estado.

O fato de o governo estadual ter cedido a Tacaruna para um empreendimento da Fiat provocou muitas críticas por parte da sociedade pernambucana. Após tantos projetos culturais elaborados para o local, onde a população teria uma interação mais direta com a antiga Fábrica, o governo decide instalar um negócio de uma multinacional. Essa atitude é, de fato, bastante questionável, principalmente diante do descaso do governo em relação à cultura, sobretudo em relação à Tacaruna durante todos esses anos. (LEI JÁ, 22 jul. 2015).

Segundo Monteiro (2017), após toda essa trajetória, a pesquisadora levantou que em 2017, o Complexo Tacaruna era administrado pela Secretaria da Criança e Juventude de Pernambuco.

Em contato através de e-mail no dia 15 de agosto de 2016 com essa secretaria do governo estadual solicitei esclarecimentos sobre como de fato era a administração de tal órgão em relação a Fábrica Tacaruna. Na mesma data obtive a informação do gerente de comunicação Paulo Salgado, também através de e-mail, que essa secretaria é responsável apenas pela segurança da antiga fábrica, cabendo as demais responsabilidades ao Governo do Estado de Pernambuco (Monteiro, 2017.p. 37).

### **Conclusão: A situação atual**

E como se encontra em novembro de 2023 esse patrimônio? Infelizmente, o que se tem para declarar não é nada animador. Ao visitar a área recentemente, o cenário é de destruição e total abandono, em relação à uma visita realizada em 2017 pela autora (figura 8). Em seis anos, o Estado não fez a segurança da área e vândalos saquearam tudo o que puderam das edificações, sem haver nenhuma investigação e proibição para pararem com os saques. Levaram esquadrias, toda a cobertura há poucos anos restaurada com estruturas metálicas, telhas, calhas; e até as estruturas metálicas que suportavam os pavimentos foram roubados.

Figura 8: As esquadrias e o jogo volumétrico do Bloco Principal ainda existiam em 2017.



Foto: Alcília Afonso. 2017.

Através de levantamento realizado na imprensa online, pode-se observar uma movimentação por parte do Tribunal de Contas do Estado (TCE) e o Ministério Público de Pernambuco (MPPE), que tiveram que entrar com ações nesse ano de 2023, contra o Governo do Estado de Pernambuco, por conta do total descaso com a conservação do imóvel tombado e que teve os seus elementos construtivos internos como lajes, pilares e vigas roubados, e destruídos, conforme noticiou a imprensa:

A equipe de auditoria verificou que, além do equipamento permanecer abandonado e desprovido de segurança patrimonial, o prédio histórico da antiga Fábrica Tacaruna havia sido parcialmente destruído. É importante ressaltar que caso a demolição dessas estruturas internas tivesse sido evitada, certamente não teriam ocorrido desmoronamentos de trechos de fachadas, uma vez que o prédio estaria estabilizado, tal como sempre esteve e resistiu de pé por mais de 120 anos, afirma o documento do TCE (Guerra, 2023, s/p).

O TCE ressaltou que apesar da recente vistoria, a análise da situação do imóvel, realizada pela equipe de auditoria, apontou que “o atual estágio de deterioração do Parque Fabril Tacaruna decorre de um longo processo de abandono, por parte de vários governos e gestões”. O documento, inclusive, cita dados colhidos em inspeções do TCE desde o início dos anos 2000 (Guerra, 2023, s/p).

Após a análise, o TCE resolveu pela abertura de uma medida cautelar, expedida pelo conselheiro Valdecir Pascoal no dia 23 de maio, e determinou que a Fundarpe direcione esforços com vista à interdição em caráter de urgência do Conjunto, além da realização de serviços emergenciais para estabilizar a estrutura do prédio (Guerra, 2023, s/p).

Figura 9: Destruição e abandono.

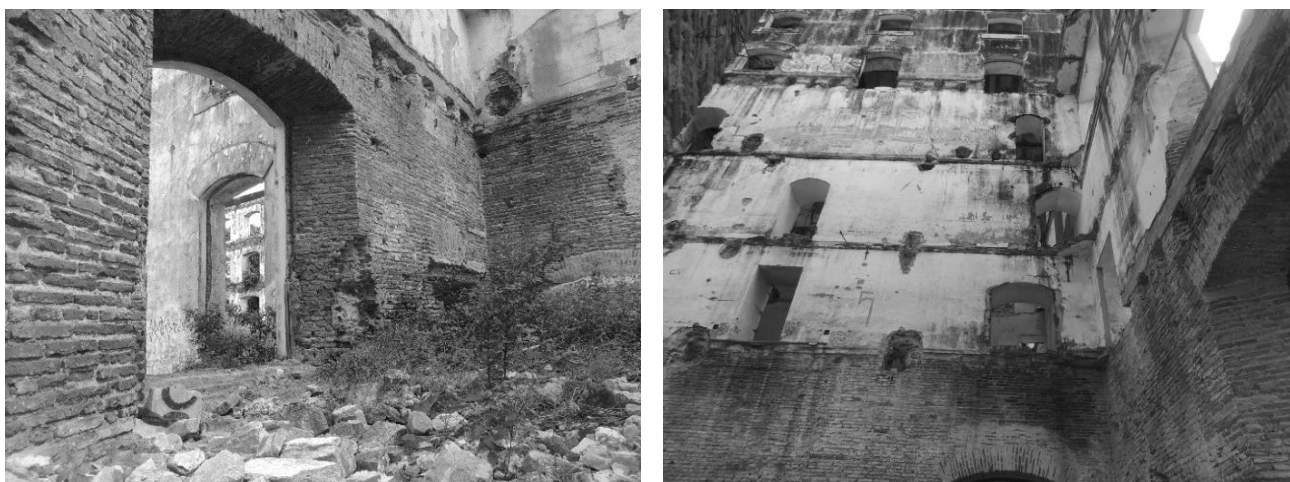


Foto: Alcília Afonso. Julho de 2023.

Segundo o Tribunal, a medida visa “evitar um mal maior em relação ao que ainda resta das edificações daquele importante conjunto arquitetônico estadual”.

A equipe da Fundarpe, ainda em março deste ano, realizou vistoria na Fábrica Tacaruna e iniciou o processo de identificação de possíveis usos para o relevante equipamento. Nesse sentido, foi verificada a demanda, junto à Secretaria de Educação e Esportes (SEE), para elaboração de um projeto para o Centro de Formação para Profissionais de Educação, bem como uma Escola Técnica Estadual na área de Hotelaria e Gastronomia”, declarou a Fundação, segundo a matéria publicada por Guerra (2023).

O Ministério Público de Pernambuco (MPPE) também determinou, no dia 8 de maio de 2023, a abertura de um inquérito civil público, com o objetivo de averiguar o abandono do imóvel.

Com o abandono do local (Figura 9), novas especulações sobre a transformação do espaço em empreendimento foram levantadas. De acordo com o professor de direito Bruno Xavier (Guerra, 2023, s/p), especialista em direito imobiliário, o Conjunto Tacaruna, por ser tombado, não pode ser demolido descaracterizado e no seu depoimento disse que:

O tombamento existe para a preservação do Patrimônio Histórico Cultural. A construção relativa ao imóvel não pode ser derrubada. É preciso preservar toda a fachada. O tombamento impede a modificação, descaracterização ou a demolição estrutural do imóvel (Guerra, 2023, s/p).

O problema é que mesmo protegido legalmente, os vândalos já saquearam grande parte de sua materialidade, e o que temos hoje, é uma ruína patrimonial.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

AFONSO, Alcília. Notas sobre métodos para a pesquisa arquitetônica patrimonial. **Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente**, v. 4, n. 3, pp. 54-70, dez. 2019.

AFONSO, Alcília. **Patrimônio industrial arquitetônico de Pernambuco: recortes tipológicos**. Recife, PE: Ed. da Autora, 2024.

AFONSO, A. La Fábrica Tacaruna y sus distintos usos. Recife. 1895-2015. Relación con los ciclos económicos del Nordeste Brasileño. Cuba: **Anais do VIII Colóquio Latino-Americano de Patrimonio Industrial**. 2016.

CORONA, E. & Lemos, C. **Dicionário da Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2ª edição, 2017.

GUERRA, Carol. Com risco de desabamento, Fábrica Tacaruna luta contra abandono histórico do Governo de Pernambuco. Recife: Jornal do Comercio. Publicado em 30/06/2023. Em Rede: <https://jc.ne10.uol.com.br/pernambuco/2023/06/15535357-com-risco-de-desabamento-fabrica-tacaruna-luta-contrabandonohistorico-dogoverno-depernambuco.html>. Acesso em 07/11/2023. Acesso em 01/10/2023

MONTEIRO, Mariza Mariano. **Fábrica Tacaruna: Incertezas e especulações sobre o seu futuro**. Recife: Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pernambuco. UFPE. 2017.

RIVAS, Lêda. Uma História de Pioneirismo: escritor resgata a história da Fábrica Tacaruna e lança movimento pela preservação do patrimônio. **Algo mais: A Revista de Pernambuco**, a. 7, n. 83, p. 66-68, 2013.

ROCHA, Limério Moreira da. **Usina Beltrão, Fábrica Tacaruna: história de um empreendimento pioneiro**. Recife: Ed. do Autor, 2012.

SOUZA, Alice de. Tacaruna: a fantástica fábrica de promessas vazias. Matéria publicada no Diário de Pernambuco, em 24/03/2019. Em rede: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2019/03/a-fantastica-fabrica-de-promessas-vazias.html>. Acesso em 04/11/2023.

VERARDI, Cláudia Albuquerque. Fábrica Tacaruna: a antiga Usina Beltrão. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/>>. Acesso em: dia mês ano. Ex: 6 ago. 2009.